

# Comunicação e educação alternativas: Mattelart e Freire – diálogos para a América Latina\*

Maria Alice Campagnoli Otre  
e Roberto Reis Oliveira

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
da Universidade Metodista de São Paulo

## Índice

1 Sobre o alternativo	2
2 Mattelart: por uma comunicação desde o socialismo	4
3 Freire: a pedagogia pelo amor	6
4 Participação popular, transformação social e cidadania	9
5 O paradoxo do oprimido	10
6 Referências	11

## Resumo

Este artigo consiste em uma revisão de literatura sobre comunicação e educação alternativas na América Latina. O estudo busca sistematizar o pensamento de Armand Mattelart e Paulo Freire a partir do conceito de alternativo, considerando a realidade de exclusão latino-americana contraposta à sua diversidade cultural e à capacidade de transfor-

---

\*Artigo síntese do Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade de Marília e apresentado no VIII Congreso Latinoamericano de Ciencias de La Comunicación – Alaic. São Leopoldo: Unisinos, 19-21 de julho de 2006.

mação social. Para tanto, a metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica e documental na busca por evidenciar a mudança conceitual do termo alternativo e por organizar os estudos dos autores sobre o tema.

## Introdução

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, procurei, com meu orientador, oferecer uma contribuição para a revisão de literatura que fosse capaz de apontar as contribuições de Armand Mattelart e Paulo Freire para pensar o alternativo na América Latina. Expoentes nos estudos sobre a temática nos anos 70 e 80, atualmente motivam ainda uma gama imensa de pesquisas que voltam seus olhares para comunicação e educação pela vertente social.

Sem a pretensão de esgotar a biografia dos autores, tampouco a releitura plena de todas as suas obras, buscou-se focalizar as referências a eles feitas e em que momento suas obras trataram a questão do alternativo.

O tratamento teórico revela, acima de tudo, nossa intenção contribuir para promover uma sistematização que possa garan-

tir o interesse de outros pesquisadores que em algum momento de suas investigações deparar-se-ão com Mattelart e Freire completamente interligados.

Intentamos, sobretudo, partilharmos o olhar de que o estado de desigualdade social, política e econômica vivida ainda hoje na América Latina pode ser alterado. Embora o continente seja vitimado pelas altas taxas de desemprego, analfabetismo, fome, essas mesmas desigualdades se configuram como impulso necessário e situação favorável à libertação. Se não existissem não haveria por que lutar por transformação social.

As conquistas latino-americanas pela igualdade do continente são, a nosso ver, um troféu: conquistado sob duras batalhas, sob o olhar dos oprimidos, e impulsionado pela força de intelectuais e homens como Mattelart e Freire. Homens sociais, solidários, humanizados e humanizantes.

O artigo traz, num primeiro momento, uma breve explanação sobre o termo “alternativo”, sua evolução e aplicações tanto na educação como na comunicação. Logo, concentra-se na sistematização das principais idéias trazidas pelos autores em relação ao termo. Passa ainda a apontar a interface entre a comunicação e educação alternativas como uma possibilidade concreta de transformação social, participação e cidadania. Por fim, trata a questão do paradoxo do oprimido, que, considerado ingênuo e manipulável, é o verdadeiro responsável por projetos que objetivam a melhoria de suas condições enquanto cidadãos.

Esperamos que nosso trabalho se configure, de fato, como contribuição àqueles que acreditam e estudam a possibilidade de transformação social. A partir dos autores, também, é que mudamos nossos olhares so-

bre a América Latina, continente em que acreditamos e do qual partilhamos as melhores experiências de comunicação e educação alternativas - pela transformação social.

## 1 Sobre o alternativo

O termo alternativo sugere um processo que se dá em oposição ao dominante. É justamente com essa conotação que surge, no campo da comunicação - por volta dos 60 e fixa-se nos 70 -, a imprensa alternativa, que se configura em oposição ao Regime Militar e à censura.

Tendo como um dos expoentes, em 1969, O Pasquim, a imprensa alternativa foi portavoz de movimentos e grupos de esquerda e teve influência marcante para a história do Brasil e no que diz respeito à resistência da sociedade no período ditatorial.

Atualmente, porém, o termo alternativo sofreu uma evolução conceitual, que se dá principalmente pelas transformações econômicas, políticas e sociais realizadas desde a década de 60. Pesquisadores como Cíclia Maria Krohling Peruzzo, Anamaria Fadul, Nestor García Canclini e Jesús Martín-Barbero repensam a postura antagonista que nos anos 80 contrapunham a comunicação popular à comunicação de massa e reafirmam que além de “substituição dos meios comerciais e estatais de massa por meios de *comunicação horizontal*” (BORDENAVE, 1986, p. 89) a comunicação popular-alternativa surge no meio do povo, comprometida com uma causa e rompendo com a grande mídia, não em oposição ou antagonismo, mas revelando um segundo olhar sobre a mesma ótica (cultural, social, política e econômica) em que o receptor está inserido.

Sobre a oposição entre os dois tipos de comunicação, GRINBERG ressalta que

Se os meios fossem, porém, realmente esses maravilhosos reprodutores de submissão, esses todopoderosos conformadores de consciência, a ordem social seria inamovível. Neste caso, deveria ser fechada, com resignação fatalista, toda possibilidade de mudança (...). O surgimento de vias alternativas de comunicação-informação é um sintoma de processos que se verificam no fundo da vida social, uma tentativa de romper o cerco das estruturas informativas predominantes (...). Mas os meios alternativos, que não são massivos dentro da sociedade de massas e de sua cultura – trata-se de experiências do tipo teatral, de jornais murais, do denominado cine-denúncia ou qualquer outro canal -, de forma alguma substituem os *mass media* (GRINBERG apud PERUZZO, 1998, p. 130).

Tomamos como conceito para a comunicação alternativa a que é capaz de promover transformação social na busca pela cidadania, a que se configura como portavoz das classes mais oprimidas, produzida para e pela comunidade que não tem espaço de participação na grande mídia. Essa comunicação comunitária que se dá no bojo dos movimentos sociais, tem, segundo PERUZZO, “traços comuns que se caracterizam como fundamentos da concepção de comunicação popular relacionada aos movimentos sociais” (1998, p. 124): a expressão

de um contexto de luta, o conteúdo crítico-emancipador, um espaço de expressão democrática e o povo como protagonista.

No campo da educação, vale ressaltar que o termo alternativo deve remeter à educação libertária proposta por Paulo Freire. O alternativo se dá em oposição à Pedagogia tradicional, muito contestada pelo pesquisador em seus escritos.

O enrijecimento de um programa a ser cumprido, a falta de tempo disponível para atividades diferenciadas e a falta de formação constante que deveria ser fornecida aos educadores são grandes responsáveis pela acomodação da escola na pedagogia tradicional:

A pedagogia tradicional é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria.

(...) baseia-se na exposição oral dos conteúdos, numa seqüência predeterminada e fixa, independentemente do contexto escolar; enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. A função primordial da escola, nesse modelo, é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno, formação esta que o levará, ao inserir-se futuramente na sociedade, a optar por uma profissão valorizada. Os conteúdos do ensino correspondem aos conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações passadas como verdades acabadas, e, embora a es-

cola vise à preparação para a vida, não busca estabelecer relação entre os conteúdos que ensinam e os interesses dos alunos (BRASIL, 1997, p. 39-40).

É em oposição a essa educação unilateral (no sentido educador – educando) e a favor de uma comunicação que visa a participação popular nos processos sociais que invocamos pensamento e trabalho de Mattelart e Freire.

## **2 Mattelart: por uma comunicação desde o socialismo**

Armand Mattelart, sociólogo belga, é considerado grande expoente nos estudos da Comunicação Social. Na América Latina, Chile, Mattelart se propõe a realizar seus estudos com olhar social, enquanto militante e funcionário do governo de Allende.

Com sua fundamentação socialista e sociológica - o que se distingue, mas se completa para os desfavorecidos -, Mattelart denuncia toda forma de imperialismo e dominação, principalmente no que diz respeito aos meios de comunicação e, através disso, na década de 70, formula escritos sobre uma comunicação popular-alternativa ou horizontal.

Em artigo publicado na Revista Pensamento Crítico – La Habana (Cuba) – Mattelart afirma que

El objetivo fundamental, que cristaliza la inspiración de la política del nuevo medio de comunicación de masas, es hacer del pueblo un protagonista del medio de comunicación de masas. Según la expresión de la revolución cultural

china, se trata de devolver el habla al pueblo (1971).

Para PINEDA,

La idea central de este autor era demostrar como los medios masivos al estar en manos de los sectores dominantes, impedían la posibilidad de una comunicación democrática y participativa, donde el receptor tuviese oportunidades, en igualdad de condiciones, para producir y emitir mensajes; por ese motivo, Mattelart insistía en la necesidad de ‘devolver la palabra al pueblo’ mediante procesos alternativos de comunicación que desbloquearan la pasividad del receptor y generaran su participación para usar la comunicación como un medio de educación liberadora, para ayudar a resolver problemas de la colectividad (2004, p. 33).

Em entrevista à Revista PCLA (Pensamento Comunicacional Latino Americano) em 2002, Armand Mattelart fala a Edgard Rebouças sobre a pesquisa em comunicação na América Latina e descreve a comunicação popular:

Na área da comunicação popular, englobam todas as iniciativas que queriam devolver a voz ao povo; seja no Chile, na Bolívia, na Colômbia, em todos os lados havia uma dinâmica bem forte. E acredito que toda a problemática ligada às campanhas de conscientização de Paulo Freire foram determinantes. Mas não havia somente Paulo Freire, havia também

toda uma malha popular, e isso se dava em vários países latino-americanos. Isso foi evoluindo, inicialmente com o cinema, depois com o rádio... Este me parece um elemento fundamental.

Quando Mattelart propõe uma comunicação popular-alternativa, prevê a necessidade de que o povo participe do processo de produção das mensagens, sendo, ao mesmo tempo, emissor e receptor, e podendo transmitir uma informação mais próxima de sua realidade.

De acordo com GOMEZ DE LA TORRE,<sup>1</sup>

as formulações de Armand Mattelart sobre a importância da *participação popular* resgatavam uma velha tradição cristã, romântica, anarquista e marxista de ocidente que ponderou o valor das culturas populares na transformação das sociedades (1999, p. 105).

O autor ainda disserta sobre rupturas pelo popular e sobre a criação de uma cultura de resistência proveniente destas. Assim afirma:

A ruptura com os métodos hierárquicos tradicionais, de acordo com Mattelart, devia ser um processo de construção de um *poder*

*popular* de uma *democracia direta*, que no caso da comunicação social representaria a construção de novos instrumentos e meios. Nessa perspectiva, salienta o trabalho dos chamados *cordones industriales* na sua tentativa de montar uma *cultura de resistência*, com seus próprios mecanismos de justiça, de administração, de educação, de comunicação e de reorganização radical da vida cotidiana (1999, p. 105).

Baseado nestes ideais e nas relações de classe, Mattelart detecta a existência de um homem atomizado,

un hombre aislado, individual, desolidarizado de sus compañeros de clase y desvinculado del acontecer histórico. Un hombre objeto de una historia concebida en una dimensión lineal y de permanencia; por ende, un hombre que vive el orden particularista de una clase como si fuera un orden universal (MATTELART, 1973, p. 131).

A partir dessa realidade, ele prevê uma alteração no modo de produção de cultura e aponta a necessidade de se socializar o homem.

Se trata de socializar al hombre, socializando todos sus reflejos, es decir, permitiéndole acceder a la conciencia de su ser, implicado en la generación de una nueva sociedad. Hacer social al hombre significa conferir también otro sentido, otro significado a todos los

<sup>1</sup>Cf. GÓMEZ DE LA TORRE, Alberto Efendez Maldonado. Pesquisa Teórica em Comunicação na América Latina: estudo de três casos (Verón, Mattelart e Martín-Barbero). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1999 (Doutorado).

domínios en que se inserta la actividad concreta de este hombre y a los objetos que poblean su ambiente. Domínios y objetos que corresponden a reflejos, actitudes, que la burguesia há promovido en espacios neutros, despolitizados, extrasociales, para preservar su sistema de dominación y que se atestiguan la reproducción, la más cotidiana e íntima posible, de la adhesión a esta misma operatoria de dominación. El hombre nuevo puede perfectamente bien generarse a partir de la rebelión en contra del entorno y reivindicar la mutación o el recambio de este, como uma de las esferas imprescindibles de acción y de promoción de un nuevo estado de seres y de cosas (1971, p. 133).

A questão da militância socialista em Mattelart passa também por um processo de evolução, momento em que a visão ideológico-crítica é acrescida do caráter empírico nos estudos. Nessa evolução, para GOMEZ DE LA TORRE, o que se vê

Não é o olhar do funcionário do governo Allende, não é o olhar do militante intolerante, não é o olhar do sindicalista, nem do comuneiro. É a visão do pensador que transita por todos esses espaços com um compromisso humano de revolução e com uma seriedade de pensamento muito singulares (1999, p. 106).

Em suas obras, Mattelart critica profundamente as concepções lineares e mecanicistas

que pensavam a democratização da comunicação limitando-a ao acesso aos meios e à mudança de conteúdos. Ele previa a necessidade de uma transformação radical das práticas profissionais; das formas de organização e estruturação das indústrias culturais, do controle do processo de planejamento, produção e circulação das mensagens; das relações entre comunicação e educação; da construção de uma consciência social e de pensar numa reformulação profunda dos meios de comunicação de massa.

Atualmente, Mattelart vive na França onde realiza pesquisas acerca de temáticas européias. A realidade latino-americana, no entanto, foi, sem dúvida, fortemente performante para sua maturidade intelectual.

Em relação à pesquisa sobre comunicação popular na América Latina nos dias de hoje, Mattelart afirma à Revista PCLA:

Eu vejo esta como uma linha de estudos que é ainda muito forte, e isso dá um dos aspectos fundamentais dessa originalidade. Lógico que em alguns países ela se mostra mais forte do que em outros, o Brasil ocupa um lugar importante, pois lá ela é contínua. A problemática popular permanece essencial. Não diria a mesma coisa de todos os países latino-americanos. Algumas vezes vejo uma espécie de folga, uma recessão em relação a essa problemática (2002).

### 3 Freire: a pedagogia pelo amor

Paulo Reglus Neves Freire, de reconhecimento internacional no campo da educação

e humanização devido a suas experiências inovadoras de alfabetização e à paixão pela qual tratava os marginalizados. As mesmas características que lhe garantem reconhecimento, porém, desagradavam classes dominantes. Não lhes interessavam a denominação de opressores nem as condolências em relação aos oprimidos. Freire explica essas atitudes.

É que às classes dominantes não importava que eu não tivesse um rótulo porque elas davam um. Para elas, eu era comunista, inimigo de Deus e delas. E não importava que eu não fosse. Perfilava quem tem poder. Quem não tem é perfilado. A classe dominante tinha poder suficiente para dizer que eu era comunista.

É claro que havia um mínimo de condições objetivas para que eles pudessem fazer essas acusações. A fundamentação básica para que eu fosse chamado de comunista eu dava. Eu pregava uma pedagogia desveladora das injustiças; desocultadora da mentira ideológica. Dizia que o trabalhador; enquanto educando, tinha o dever de brigar pelo direito de participar da escolha dos conteúdos ensinados a ele. Eu defendia uma pedagogia democrática que partia das ansiedades, dos desejos, dos sonhos, das carências das classes populares (*In*: BARRETO, 1998, p. 29).

Exilado no Chile em 1964, Paulo Freire aproveita o período para reflexões e escreve

“Educação como prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”, referência na área de educação. É a partir deste último livro que torna-se cada vez mais evidente a preocupação do autor com as relações entre as classes sociais e as lutas da classe oprimida, na busca por conquistar uma libertação política, social, cultural e econômica. O ponto de partida para ele é o saber.

No que diz respeito à Educação, Freire sistematiza e encaminha de maneira crítica a educação-libertadora. Ele realiza uma crítica aguçada no que diz respeito à educação unilateral, de fluxo único, que passa do educador para o educando e aí se encerra.

Citando FREIRE (1987, p. 59), destacamos sua definição de pedagogia tradicional, ou “educação bancária”,<sup>2</sup> como ele vem a chamar, destacando-lhe as seguintes características:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educando, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;

<sup>2</sup>Termo utilizado por Freire em “Pedagogia do Oprimido”. Nesse modelo, os educadores são sujeitos e os educandos são vasilhas. O conteúdo transmitido enche as vasilhas, como na lógica dos depósitos, de onde deriva o termo “bancário”.

h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele;

i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;

j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Em sua pedagogia libertária, o autor elimina a visão do educador tradicional, que está diante de uma classe passiva para transmitir conhecimento. Essa questão fora levantada por Paulo Freire em “Comunicação ou extensão”, em que o autor se questiona quanto à diferença de se comunicar algo (o que permite diálogo ou interferências dialógicas, ou seja, o receptor interfere na mensagem e durante o processo pode até mesmo transformar a mensagem, ou enriquecê-la) e de se estender algo (simplesmente disponibilizar uma informação fechada e que representa a verdade absoluta, eliminando a existência de um ser pensante que pode – e deve – interferir sobre as mensagens).

Para isto, Freire chama a atenção por meio de sua experiência pedagógica que a prática educacional não é algo unilateral, onde as relações se manifestam por meio de alguém que domina por deter o saber e de outro que é dominado por não deter este saber. Assim prossegue SÁ (1993):

Pelo contrário, os seus argumentos se alicerçam numa visão em que o educador e o educando parta de suas experiências culturais, estabelecendo juízos teóricos que possa permitir uma leitura crítica da realidade, e não uma ade-

quação de teorias a esta como meio de justificar os interesses dominantes. Esta ação, refletida no interior da escola, torna-se assim um dos meios viáveis para uma tomada de consciência do papel desta na sociedade (p. 20).

Essa dialogicidade, porém, deve ser praticada desde antes da relação educador-educando. Uma das críticas feitas à educação tradicional e ao sistema educacional vigente no Brasil é a imposição dos conteúdos a serem transmitidos aos alunos. Ao mesmo tempo em que se prega a liberdade do educador de ensinar à sua maneira, também se apresenta um conteúdo programático estático, que não permite adequações. Em “Pedagogia do Oprimido”, Freire aponta que o diálogo educador-educando deve começar na busca do conteúdo programático.

Daí que, para essa concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação. (...)

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição - um conjunto de informes a ser depositado nos educandos-, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo



daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (FREIRE, 1987, p. 83-84).

No dia 2 de maio de 1997, antes da virada do milênio, morre Paulo Freire sem que, com ele, morressem suas contribuições e ideais.

#### **4 Participação popular, transformação social e cidadania**

Considerando o contexto do alternativo, que nos propusemos a trabalhar, é indissociável a interface entre comunicação e educação. Nosso intuito é o de reafirmar a necessidade de que esses dois campos caminhem juntos para que se pense em transformação social, participação popular e cidadania.

A comunicação comunitária pode muito pouco se à população não tiver acesso a uma educação crítica que lhes possibilite produzir conteúdos que lhes sejam favoráveis; uma educação libertária também pode muito pouco se não promover uma forma de exercer a atitude crítica e se não atingir sua comunidade.

Cabe aqui destacar o transitar de Mattelart e Freire entre suas esferas de pesquisa. Mattelart passa pela educação priorizando correntemente a importância da temática, assim como Freire pela comunicação.

Em HOHLFELDT (2001), Freire aparece com visibilidade num artigo de Christa Berger. De acordo com a autora, o educador é incluído entre pesquisadores da comunicação devido ao livro “Comunicação ou extensão”, escrito no Chile em 1968:

Sem tratar da comunicação massiva, este livro orientou mui-

tas interpretações na área, pois nele está contida a crítica principal aos meios de comunicação de massa: de consistirem em meros instrumentos de transmissão, de tratarem os destinatários como receptores passivos e de impossibilitarem relações dialógicas (p. 256).

A obra de Freire não influenciou apenas a pesquisa em comunicação latino-americana mas também os estudos sobre comunicação alternativa que, além do conhecimento técnico e teórico, exigia o conhecimento das estruturas sociais do continente, seus processos de lutas de classe e a relação opressores x oprimidos:

O livro *Pedagogia do oprimido* confirma Paulo Freire entre os que buscavam compreender os processos latino-americanos pela história não-oficial. Ele dedicava seu livro “aos desamparados do mundo e a quem, descobrindo-se entre eles, com eles sofrem e com eles lutam”. Tanto Armand Mattelart como Jesus Martín Barbero afirmam, em suas obras, a contribuição de Freire à construção de suas perspectivas teóricas (BERGER *In*: HOHLFELDT, 2001, p. 256-257).

Entre comunicação e educação alternativa ou, ainda, comunicação comunitária e educação libertadora, que nos colocamos a reconhecer em Mattelart e Freire, o que encontramos de principal e relevante para este trabalho que, destaque-se, trata-se de um projeto de investigação - são os olhares voltados para

o interesse público, à construção da cidadania e aos focos de transformação.

## 5 O paradoxo do oprimido

A tendência crescente da relação comunicação/educação em busca do interesse social vem demonstrar que em espaços comunitários e locais a sociedade se movimenta em busca de outros olhares sobre si mesma e esta alteração de paradigmas promove transformações profundas no meio social.

O direito a participar é previsto na Declaração Universal de Direitos Humanos, em seus artigos 27 e 29, e também foi firmado em 1976, quando a Conferência das Nações Unidas determinou que “a participação popular é um direito humano, um dever político e um instrumento essencial de construção nacional” (PERUZZO, 1998, p. 275).

Através da comunicação participativa e da educação libertária, crê-se que o coletivo passa a ser priorizado e se caminha para a cidadania. Mas, afinal, de que cidadania estamos falando?

Na sociedade moderna, os cidadãos são membros de uma sociedade política baseada no sufrágio universal e na qual todos são iguais perante a lei. No entanto, isso nem sempre se dá na prática. No caso do Brasil e de outros países latino-americanos, por exemplo, ter direito à educação, à propriedade privada e aos bens de consumo coletivo é uma coisa, mas ter acesso real e efetivo a tudo isso são outros quinhentos... (PERUZZO, 1998, p. 286).

Numa sociedade em que as desigualdades são imensas, é prioritário que haja uma organização em busca da conquista de direitos sociais e da participação efetiva. Prossegue a autora:

Nesse processo, a participação se torna não só um ato político, mas também educativo, na medida em que, por meio dela, se vão dando passos cada vez maiores. A ampliação da cidadania levará o homem e a mulher a serem, cada vez mais, sujeitos e não objetos da história (p. 287).

É interessante assinalar que é no seio das comunidades que se concentra a busca pela participação e cidadania. BARRETO, que lança seu olhar sobre Paulo Freire e a relação educação *versus* oprimidos, destaca a força dos oprimidos no que toca à luta por uma sociedade mais humanizada:

Aos *oprimidos* restou conformar-se com a situação e adaptar-se a ela. Nasceu a educação domesticadora, destinada a contribuir para perpetuar essa ordem injusta e desumanizante, favorável a minorias, educação que deixou de ser instrumento para *ser mais* para tornar-se agente de *ser menos*.

(...)

Todavia, só os oprimidos poderão romper esta estrutura que desumaniza opressores e oprimidos. Só eles poderão acabar com esta ordem injusta buscando romper a opressão e reconquistando a sua liberdade de ser mais. Os opressores

não têm este poder, uma vez que implicaria na renúncia de privilégios que consideram justos e necessários à sua realização pessoal e de classe (BARRETO, 1998, p. 56).

Qualificativos recorrentes em muito da fala cotidiana caracterizam a população com de baixa renda e mais marginalizada como aquela que aceita passivamente tudo o que os meios de comunicação transmitem, como uma massa homogeneizada e manipulável. Prevê-se nesse caso, ao menos três inverdades:

1. Ao tomar-se massa como pobre e ignorante tendemos a nos distanciar desse grupo (destinando-lhe sempre um lugar de terceira pessoa). O distanciamento acaba por poupar da complexidade sociológica do conceito, principalmente no que diz respeito ao tema das comunicações de massa;
2. Todo e qualquer receptor tem capacidade de reação ante as mensagens transmitidas por um emissor, incluindo os marginalizados. Já detectou-se como parte do processo comunicativo interferências culturais, sociais, psicológicas e tantas outras mediações que, além do ruído, garantem que cada receptor tenha visão sobre mensagens e seus conteúdos;
3. Uma avaliação dos contextos em que surgem focos de comunicação e educação populares vislumbra que, em sua grande maioria, são desenvolvidos em comunidades marginalizadas e com uma população oprimida, o que revela

que grupos menos ou não favorecidos não se caracterizam como ignorantes e manipuláveis.

É importante que valorizemos as comunidades que se configuram como responsáveis pelo desenvolvimento de formas de comunicação popular-alternativa e preocupadas com uma educação libertária. O conhecimento dessa realidade permite que construamos um outro olhar sobre grupos marginalizados e os resalta como peças fundamentais na dinâmica de resistência às desigualdades sociais.

O poder de mudança está nas mãos do povo. E a união entre movimentos populares, a comunicação-popular alternativa e a educação-popular libertadora é, atualmente, uma das ferramentas encontradas por ele para a demonstração de sua identidade. São tentativas de desenvolver um contra-fluxo comunicacional que o represente, que lhe dêem voz.

É em busca desse conhecimento e desse olhar que se ilumina uma possibilidade de fortalecer esferas locais e comunitárias e alcançar garantias de participação e exercício da cidadania.

## 6 Referências

- BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BORDENAVE, Juan E. D. *Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRAGA, José Luiz. *Comunicação e edu-*

- cação: questões delicadas na interface.* São Paulo: Hacker, 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais.* Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação.* 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GÓMEZ DE LA TORRE, Alberto E. M. *Pesquisa Teórica em Comunicação na América Latina: estudo de três casos* (Verón, Mattelart e Martín-Barbero). São Paulo: ECA/USP, 1999 (Doutorado).
- HOHLFELDT, Antonio. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências.* 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JESUS, Jane Brito de. *Comunicação alternativa: necessidade ou utopia? Estudo de caso:* Casa da Cultura de Bauru. São Paulo: ECA/USP, 1991 (Mestrado).
- MATTELART, Armand. *La comunicación masiva en el proceso de liberación.* 8 ed. México: Siglo Veintiuno, 1981.
- MATTELART, Armand. El medio de comunicación de masas en la lucha de clases. *In: Pensamiento Crítico*, nº 53. Santiago del Chile, 1971. Disponível em <<http://www.filosofia.org/hem/dep/pch/n53p004.htm>>.
- PCLA. Disponível em <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/entrevista%2013-1.htm>> Acesso em 15/11/2005.
- PENSAMIENTO CRÍTICO. Disponível em <<http://www.ipsterraviva.net/TV/WSF2005/viewstory.asp?idnews=135>> Acesso em 03/11/2005.
- PERUZZO, Cícilia M. Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.* São Paulo: Vozes, 1998.
- PERUZZO, Cícilia M. Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). *Comunicação para a cidadania.* São Paulo. Intercom; Salvador: UNEB, 2003.